

# Moncef Genoud Selma Uamusse

15 Out 2016

21:00 Sala 2

-

OUTONO EM JAZZ

CICLO JAZZ

## Moncef Genoud *piano*

O pianista suíço Moncef Genoud apresenta temas de *Live in Cully*, o seu primeiro álbum a solo, gravado ao vivo no concerto de abertura do Festival de Jazz de Cully 2015, onde transporta clássicos do universo pop para o jazz. Percorre temas que vão desde "Message in a Bottle" dos Police até "Smells Like Teen Spirit" de Nirvana ou "Light My Fire" dos Doors, apresentando um ponto de partida interessante e lúdico para o som tradicional do trio de jazz. O pianista dispõe de uma vasta leque de emoções, sintetizando a união das capacidades técnicas e de improvisação que um concerto a solo exige.

Nascido na Tunísia em 1961, Moncef Genoud mudou-se para a Suíça aos dois anos para receber tratamento médico para a cegueira, tendo sido adoptado por uma família suíça pouco tempo depois. Aos 6 anos começou a estudar piano, incentivado pelo pai adoptivo, um grande fã de jazz que lhe deu a conhecer os álbuns de Louis Armstrong e Fats Waller. Com uma capacidade de memorização fora do comum e que lhe permitia tocar qualquer peça de ouvido, Moncef começou a desenvolver o seu próprio estilo. Em 1987, obteve um diploma de ensino no Conservatório de Genebra, onde actualmente lecciona Improvisação (Jazz).

Músico profissional desde 1983, rapidamente se estabeleceu como uma das figuras mais representativas do jazz na Suíça, especialmente pelo trabalho que desenvolveu em trio. No decurso da sua carreira, tocou com artistas como Bob Berg, Alvin Queen, Reggie Johnson, Harold Danko, John Stubblefield, Joe LaBarbera, Michael Brecker, Larry Grenadier, Dee Dee Bridgewater, Bill Stewart, Idris Muhammad, James Cammack, Jack DeJohnette, Tom Warrington, Scott Colley e Grégoire Maret, entre outros.

Em 1993, o trio de Moncef Genoud fez a primeira parte do concerto de Tete Monteliu e Michel Petrucciani. No decorrer dos anos 90, o pianista realizou digressões em toda a Europa, bem como Índia, Austrália, África, Japão, Estados Unidos da América e Canadá. Em 1994, impressionou o público dos Festivais de Vancouver e Montréal com concertos brilhantes. No ano seguinte tocou em África, tornando-se amigo próximo de Youssou N'Dour. A partir daí começaram a tocar juntos em diversas ocasiões, desenvolvendo um novo som do jazz africano, sendo os protagonistas do aclamado documentário de 2006 "Return to Gorée". O projecto acompanhou vários músicos enquanto estes viajavam nas rotas de escravos da África Ocidental, desde o Senegal até os Estados Unidos da América, tendo Moncef Genoud revisitado a evolução musical que começou com os cânticos espirituais dos negros, passando pelo gospel até chegar ao jazz.

Em 1997, o pianista foi seleccionado para representar oficialmente o Festival de Jazz Montreux em Nova Iorque, Detroit e Atlanta. Desde então, tem vindo a enriquecer a sua discografia, gravando com formações diversificadas que vão desde o duo até

ao sexteto e à orquestra sinfónica. As suas influências musicais passam por figuras como Art Tatum, Oscar Peterson, Chick Corea, Herbie Hancock, Bill Evans, Keith Jarrett e Brad Mehldau. Moncef Genoud encontra-se definitivamente no caminho para se tornar num nome ilustre ao lado destas figuras enquanto um dos maiores pianistas de jazz da sua geração.

Em Novembro de 2005, Moncef Genoud assinou contrato com a lendária etiqueta Savoy Jazz, lançando *Aqua* em Abril de 2006 que contou com participações de Michael Brecker, Dee Dee Bridgewater, Bill Stewart e Scott Colley e recebeu a unânime aclamação do público e da crítica. Lançou *Métissage* em Janeiro de 2011, um cruzamento de estados de espírito, estilos e instrumentações, com arranjos singulares de standards de jazz intercalados com originais – e as colaborações de Youssou N'Dour e Ryuichi Sakamoto. Em 2014 lançou *Pop Song*, o décimo segundo álbum enquanto líder, onde adapta clássicos do universo pop para a linguagem do jazz. Ávido viajante que gosta de descobrir novas culturas, lugares e sabores, Moncef prossegue o seu caminho no objectivo de conseguir chegar a cada vez mais pessoas com a sua música.

## Selma Uamusse *voz*

**Nataniel Melo** *percussão, timbila, mbira e kalimba*

**Gonçalo Santos** *bateria, percussão e baixo*

**Augusto Macedo** *teclados, baixo e mbira*

Selma Uamusse apresenta-se em nome próprio com um disco de estreia onde vai buscar as suas raízes moçambicanas e se deixa influenciar pelas múltiplas experiências musicais que fazem parte do seu percurso. Neste projecto, explora as sonoridades e ritmos tradicionais moçambicanos, juntando-lhes instrumentos tradicionais como a timbila e a mbira e, segundo as suas próprias palavras, "honrando aquilo que são as minhas origens, mas sem desvirtuar o que eu sou" (entrevista ao site Altamont, 2016). Escrito em português, inglês, changana e chopi, o disco fala dos três lados de Selma: espiritualidade, trabalho e identidade. "Ngono Utana", o primeiro single do álbum, é uma música de trabalho e Selma canta-nos "Yana ndzuma ngono utani vuna mssakulo wamakono tata/lyolele ngono uta nivuna mssakulo wamakono tata/Wowe wiya utanivuneta mama kufunhela" ("Está a chover, Vem ajudar-me a cantar na machamba/ O choro vem pai, vem ajudar a entoar pontos cantados/ E depois vem, vem ajudar na colheita"), falando-nos sobre a alegria de colher os frutos depois de um trabalho difícil e esperar pelo período das colheitas, numa homenagem ao trabalho em união. "Does Africa know a song of me?" é o refrão de "Song of Africa", escrito por Susana Travassos a partir de um excerto do livro *África Minha* de Karen Blixen. Leva Selma numa viagem à questão identitária e, segundo a própria, "faz uma viagem ao meu umbigo

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA



casa da música

SONAE

REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

BPI

e fala sobre todas as coisas de Moçambique que eu preciso de me recordar – o cheiro da terra molhada, o calor” (entrevista ao site *altamont.pt*, 2016). Os temas que percorrem o disco assentam não só em ritmos dançáveis, tão típicos na música africana, mas também em momentos onde a voz e os poucos instrumentos criam um ambiente de intimidade.

Moçambicana a viver em Portugal desde 1988, a decisão de se lançar a solo não foi tão repentina e óbvia quanto muitas vezes acontece. Vinda de uma família onde o canto e a dança eram encarados com toda a naturalidade, a entrada mais “séria” na vida musical aconteceu quando foi desafiada a entrar num grupo de gospel. Cinco anos depois, estava a participar no disco dos Wraygunn como integrante do coro que participou no álbum *Ecclesiastes 1.11*. Depois foi convidada para integrar a banda e a partir daí os convites para participar noutros projectos foram surgindo naturalmente. A estudar paralelamente engenharia, imaginava que o seu percurso passaria por “ser engenheira e [pensei] que voltaria para Moçambique para fazer desenvolvimento urbano” (entrevista ao *Público*, 2016). Ser mãe foi o acontecimento marcante que a levou a escolher entre a música e a engenharia, e a decisão já sabemos qual foi, caso contrário não estaria Selma hoje neste palco. Depois de escolher a maternidade e a carreira musical, começou a pensar no que queria realmente fazer, o que queria comunicar ao mundo e qual a canção que tinha dentro do seu coração. Simultaneamente, foi desafiada por Alcides Nascimento a programar no B. Leza, algo que a convidou a explorar profundamente as suas raízes. Aí apercebeu-se do lado “terra” que inculca à música, transversal aos projectos em que participava: fossem eles os tributos a Nina Simone ou as homenagens a Miriam Makeba, o gospel e até os Wraygunn. Estudou música no Hot Club, criou uma banda de soul (Soul Divers) e um ensemble de jazz onde cantou Billie Holiday e Nina Simone. Foi ao Festival de Músicas do Mundo, em Sines, e deixou o público todo a dançar, contagiado pela energia das suas canções. Colaborou com Samuel Úria na homenagem a António Variações e participou no disco mais recente de Rodrigo Leão, um projecto em que esteve ao lado da Orquestra e Coro Gulbenkian.

Selma Uamusse não parou, procurou e finalmente podemos ouvi-la a expressar-se inteiramente em nome próprio. O resultado é a soma de todas as experiências musicais que viveu, da sua busca interior por este sentido de identidade e por aquilo que acredita ser a sua verdadeira missão na Terra, a de “transmitir alegria, amor, atitude positiva em relação à vida” (*altamont.pt*). Juntemo-nos à celebração da vida, a verdadeira e sincera proposta de Selma Uamusse.